



Dulce Maria Cardoso
OS MEUS
sentimentos

RIO DE JANEIRO:
TINTA-DA-CHINA
MMXII

Edição apoiada pela Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas /
Secretaria de Estado da Cultura — Portugal.



GOVERNO DE
PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA



© Dulce Maria Cardoso, 2012

1.^a edição: junho de 2012

Edição: Tinta-da-china Brasil

Capa e projeto gráfico: Tinta-da-china Brasil

Cardoso, Dulce Maria
C268 Os meus sentimentos / Dulce Maria Cardoso.
1.ed. – Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2012.
376 pp.; 21 cm

ISBN 978-85-65500-02-9

I. Literatura portuguesa – I. Título. II. Série

CDD P869 (22.ed)

CDU 869

Todos os direitos
desta edição reservados à
Tinta-da-china Brasil

R. Júlio de Castilhos 55, Cobertura 01
Copacabana RJ 22081-020

Tel. 0055 21 8160 33 77 | 00351 21 726 90 28

Fax 00351 21 726 90 30

infobrasil@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt/brasil

Ao Luís, para sempre
À minha irmã, ao Coca e ao Paulo

Es el jardín de la Muerte que te busca y que te encuentra
siempre... Es el jardín, que, sin saberlo, riegas con tu sangre,

DULCE MARÍA LOYNAZ, *Jardín, Novela Lírica*

inesperadamente

não devia ter saído de casa, não devia ter saído de casa, não devia ter saído de casa, durante algum tempo, segundos, horas, não sou capaz de mais nada,

inesperadamente paro

a posição em que me encontro, de cabeça para baixo, suspensa pelo cinto de segurança, não me incomoda, o meu corpo, estranhamente, não me pesa, o embate deve ter sido violento, não me lembro, abri os olhos e estava assim, de cabeça para baixo, os braços a bater no tejadilho, as pernas soltas, o desacerto de um boneco de trapos, os olhos a fixarem-se, indolentes, numa gota de água parada num pedaço de vidro vertical, não consigo identificar os barulhos que ouço, recomoço, não devia ter saído de casa, não devia ter saído de casa,

são tão maçadoras as lengalengas

durante algum tempo, segundos, horas, não sou capaz de mais nada, devo ter caído muito longe da autoestrada, a chuva estala no metal do carro, as rodas rolam em seco, gri-gri,

gri-gri, grilos, não, não podem ser grilos, tic-tac, os quatro piscas, dentro da gota de água, são apenas os olhos que não se conseguem desviar, são apenas os olhos, o meu carro capotado num baldio, o meu saco de viagem preso num arbusto, as embalagens das ceras, os brindes das clientes e o caderno das contas espalhados na lama, um sapato num charco mais distante, os faróis mantêm-se acesos, a chuva, fios de pirilampos que esvoaçam até morrerem no chão, gri-gri, não podem ser grilos, em todo o lado pedacinhos de vidro que brilham muito, cristais que afugentam a noite,

não devia ter saído de casa

o líquido quente que escorre da minha boca é sangue, reconheço o sabor, a minha boca uma massa, quente, demasiado quente, enjoativa, quero mexer-me, libertar-me do cinto de segurança, as mãos não me obedecem, dois atrapalhos inábeis, as minhas pernas, duas ausências, e os olhos pousados, inertes, na gota de água cheia de luz, uma gota inundada de luz, quase a apanhar-me, a vencer-me, resisto, recomeço, não devia ter saído de casa, não devia ter saído de casa,

inesperadamente

não sinto dores, não tenho medo, os meus olhos afogados na gota de luz, os meus ouvidos um albergue de grilos,

neste momento posso já não existir aqui

este momento pode já não existir para mim

rolo sobre as trevas

docemente, deslizo na autoestrada que é sempre igual, a que fica para trás, a que se renova à minha frente, uma língua caridosa que me engole, negra, infinita, avanço, guio-me pelos refletores que ladeiam a berma, os separadores de aço, o vento torce as árvores desfolhadas, esqueletos tristes, traços riscados a carvão contra o céu, os postes de alta tensão, espantalhos de mãos dadas numa fila para lado nenhum,

docemente

avanço no sentido único em que o infinito se cumpre, a minha cabeça num rodopio agradável, hoje à tarde vendi a casa, assinei a escritura com a caneta de prata, a minha mão não tremeu, não hesitei, se pensava que era fácil foi assustadoramente mais fácil, viajo na noite do temporal, nos últimos dias não se falou noutra coisa, o boletim meteorológico, a proteção civil, nos cafés, as minhas clientes, um assunto,

anunciaram um temporal

um tema de conversa, tanta confusão e se calhar não há nada, enganam-se a toda a hora, quem pode prever os caprichos da natureza, uma troca de palavras, no mar é que vai ser pior, a minha cabeça no rodopio que me sabe bem, estendo uma mão cega para o lado direito, procuro a minha cassete, a partir de hoje vai ser tudo diferente, repito, a partir de hoje vai ser tudo diferente, a chuva abate-se sobre o tejadilho num barulho que me devia assustar, engrossa os vidros, duplica-os, milhares de gotas esborrachadas contra os vidros, teias que o vento logo desfaz, rajadas de vento na ordem dos, desafio a noite do temporal,

rolo sobre as trevas

a minha mão cega à procura de uma voz que amanse o temporal, um raio, um resto da luz do princípio, no início apenas luz, no início apenas luz e nós já cegos para sempre,

bêtisés, ma chérie, bêtisés

custa-me respirar, uma dor no peito, um assunto, bebes sempre de mais, o meu corpo pesado seguindo a mão, a dificuldade de sempre nos gestos mais simples,

mostrenga, mostrenga

outro raio, um néon bonito que divide o escuro, encontro a cassete, um trovão, o escuro que ruge, não me custa acreditar que o mar tenha tomado o lugar do céu para se despeñar sobre a terra, avanço, penso que sobre o céu, um caminho que não para de crescer nas trevas, coloco a cassete no

leitor, carrego no botão para a rebobinar, arranho o silêncio, um tema de conversa na área de serviço,

olha para aquela gorda perdida de bêbeda

uma troca de palavras, há por aí tanta desgraça, nem chega a uma conversa, vê-se cada coisa, tenho o porta-bagagens carregado de ceras, brindes, amostras, folhetos, o caderno das contas, as minhas clientes esperam-me amanhã cedo, há anos que me esperam, não estas, não neste destino, outras, noutros destinos, um entendimento, sou uma boa vendedora, a melhor, sei de cor e salteado a composição das ceras, as temperaturas a que derretem, as peles a que se destinam, a minha vida uma luta contra milhões de pelos, de nada me orgulho tanto, talvez da Dora, talvez, conheço os meus inimigos, conheço-lhes as manhas, não me enganam, mesmo quando se partem para crescerem mais fortes, ou se encravam, ou, cobardes, desatam a crescer debaixo da pele, escondidos, conheço os meus inimigos e não perco uma oportunidade para os desmascarar, não os deixo fingir, ganhar tempo, uma guerra sem tréguas, quando olho para as pernas de uma desconhecida sei logo a força dos meus inimigos, como são combatidos, outra profissional olha e não vê nada, eu posso aceitar apostas, sobre as armas utilizadas, cera, creme, gilete, as maquinas que fazem o barulho irritante das moscas, quando olho para as pernas de uma desconhecida avalio de imediato a força dos meus inimigos, distingo cicatrizes, pelos encravados, mesmo se quero pensar noutra coisa, especialmente se quero pensar noutra coisa, sou uma boa vendedora, a melhor, faço cem, duzentos quilómetros, os que forem necessários para

vender as minhas ceras, não sei fazer mais nada, persigo os meus inimigos, milhões de inimigos em todo o lado, uma luta desigual, perdida, a partir de hoje vai ser tudo diferente, apesar de me sentir tão cansada, não deixo que me passe pela cabeça que, a partir de hoje, a partir de amanhã, nem uma diferença, uma única diferença, não posso aceitar um mar de dias iguais à minha frente, a minha vida a consumir-se na repetição dos dias, dos gestos, das palavras, o Ângelo

ninguém corrige o passado, ponto final

por que ouço o agoirento do Ângelo, faças o que fizeres não te livras de ti, do que foste, do que continuas a ser, faças o que fizeres, por que ouço o agoirento do Ângelo em vez das canções da minha cassete, a partir de hoje vai ser tudo diferente, vendi a casa, é verdade que ainda há pouco, na área de serviço, tornei ao mesmo, mais um homem e a mesma brincadeira, a mesma mentira, ou, para ser mais rigorosa, outra mentira, porventura mais grave, a todos os homens com quem fui e que calharam perguntar-me o nome respondi sempre com uma charada e

um nome de uma flor que também é uma cor

bêtises, ma chérie, bêtises

nunca nenhum acertou, talvez fosse estranho, talvez tivesse achado realmente estranho se tivesse pensado nisso, não pensei, até ele todos os homens que tentaram adivinhar responderam Rosa, a maior parte não arriscou, sorriu e pôs-se a andar, queriam lá saber o meu nome, era só uma pergunta,

a mais vulgar, tinham pressa, apenas uma pergunta, a mais comum, para afastar o silêncio, o embaraço, a vergonha de terem estado dentro de uma mulher como eu, nunca conheci nada mais desapiedado do que a carne saciada, o que é certo é que até esta noite, até ele, todos os homens tinham respondido Rosa, um erro de que gostava, outro nome e não era eu que ali estava mas a tal Rosa, uma criatura que chegava a lamentar quando me dava para isso, portanto quando o homem me perguntou o nome repeti a charada certa de que não me ia dar uma resposta diferente de Rosa ou de um sorriso, estava tão convencida que me assustei quando ouvi o meu nome, tenho muito medo, quem se dedica a este tipo de caça tem sempre muito medo, qualquer presa aprende rapidamente o medo que a pode salvar, há qualquer coisa na estrada, a chuva não me deixa ver, os limpa-para-brisas já estão na velocidade máxima, há qualquer coisa ali à frente, travo, o carro foge-me, uma guinada, ziguezagueio, nem sequer me assusto, volto à marcha regular, franzo os olhos, é demasiado grande para ser o corpo de um cão ou de um gato, avanço com cautela, só muito perto percebo que é uma árvore tombada, os ramos aos pinotes no vento, um remoinho de folhas, rodo o volante, desvio-me da espiral de folhas que se eleva no escuro, dos ramos que esbracejam, ainda bem que esta árvore não morreu de pé, sempre me entristeceram as árvores que ficam a morrer de pé, ainda sonho com as primaveras seguintes quando lhes colam nos troncos, árvore para abate, ainda sentem o peso dos ninhos e o vento dos pardais em voo, entristecem-me as árvores mortas que esperam viajantes que lhes fogem, ninguém gosta da sombra da morte, ali ficam até que a serra elétrica as deita por terra, o tronco em rodela de madeira, a copa

um braçado de galhos que alguém há de recolher para atear uma lareira ou para, uma folha cola-se no para-brisas, levo-a comigo, a partir de hoje nada vai ser diferente, não posso corrigir o que passou, não tenho mão no que aí vem, o aviso de uma saída de emergência do lado direito, a folha voa, não quis ir comigo, não me quer como companhia, estou bêbeda, uma folha não tem querer, estou bêbeda, as folhas sabem tudo sobre nós, estou bêbeda, o coração magoa-me, o meu corpo ainda mais desconhecido do que os estranhos que o tomam, apenas o reconheço na dor, a aguardente deixou-me a cabeça num rodopio que me agrada, esfrego os olhos em vão, continuam turvos, desato a chorar, a folha não me quis acompanhar, sou tão risível, sinto as mãos do homem na minha pele, afago os pequenos sulcos que as unhas dele deixaram no meu corpo, caminhos, não sei o que fazer com o cheiro de um desconhecido entranhado na minha carne, estou assustada, e se nunca mais tiver lugar em mim, se nunca mais me pertencer, por que me deixo morrer,

por que me mata a vida

acelero em direção ao infinito que se tornou o meu destino, um único sentido, a partir de hoje tudo vai ser diferente, a noite assusta-me, seis porções de escuro que aguardam fora dos vidros do carro, já é muito tarde, 4:37 no relógio digital do tabliê, 4:32 na realidade, sempre me concedi cinco minutos de avanço, é certo que nunca me valeram de muito, nunca cheguei a horas ao futuro, ligeiros atrasos, desencontros, motivos comezinhos de que já não me recordo, avisto um carro à minha frente, é o primeiro que vejo desde que saí da área de serviço, acelero para me aproximar das duas

luzinhas vermelhas que se duplicam na água da estrada, o carro segue devagar, decido ultrapassá-lo, vou ao lado de uma desconhecida na noite do temporal, dou-lhe uma cara, redonda, exageradamente redonda, um corpo, gordo, tristemente gordo, uma profissão, vendedora, uma casa, travesa do paraíso, n.º, uma filha, a Dora, entrego a desconhecida ao rasto de água que o meu carro deixa, uma serpentina que se encrespa no ar, em vez das luzinhas vermelhas duplicadas no chão duas luzes brancas no retrovisor, uma magia, se soubesse fazer magias desaparecia de mim, acelero, ganho distância das luzes brancas que ficam cada vez mais pequenas, roubo-lhes a cara, o corpo, a profissão, a família, uma bêbeda entretém-se com qualquer coisa, até com um jogo tão fraquinho como este, os faróis do carro que ultrapassei desaparecem do retrovisor, de novo apenas a noite, um aviso, um retângulo amarelo plantado na berma, que

conduza com prudência

leio em voz alta, conduza com prudência, a voz escorrega contra os vidros, outro retângulo, este pendurado, anuncia uma encruzilhada, quatro estradas devidamente numeradas, quatro destinos, posso finalmente mudar de rumo, inverter a marcha, desistir, é tentador pensar que posso escolher, e se a partir de hoje fosse realmente tudo diferente, a encruzilhada que conheço dos meus mapas, sempre colecionei mapas, quer dizer, coleciono mapas há muito tempo, centenas de mapas em minha casa, usados, imaculados, tanto faz, nos mapas escolho os caminhos sem medo, dou voltas e voltas aos meus mundos de papel, vou a todos os lugares, sítios a que não associo uma paisagem, uma cara,

uma flor, nada, terras que só existem para cumprirem o meu desejo de partir nas tardes de muito calor, estendo os mapas no chão do meu quarto, não quero saber nada sobre o mundo, nunca quis, nas tardes de muito calor, corro os estores e o meu corpo cobre-se com fios de ovais luminosas, um amontoado de pontos de luz geometricamente dispostos, passo tardes inteiras de verão a viajar, aproximo-me da encruzilhada, dos quatro destinos numerados, a chuva cai translúcida ao pé dos candeeiros de cimento, fios de água tremeluzentes, uma chuva de pirilampos, e se mudasse o destino, e se desistisse

bêtises, ma chérie, bêtises

da Denise e da Betty, se por uma vez fosse para um sítio onde ninguém me esperasse, numa viajei sem ter quem me esperasse, sigo o meu caminho, não posso desistir da minha luta, todos os dias os meus inimigos me vencem no meu próprio corpo, nos outros corpos, os meus inimigos que vão ser os últimos a morrerem, o meu coração parado, os meus pulmões inundados, a minha carne gelada e os meus inimigos ainda a crescer por umas horas, um dia, não devia pensar nisso, sou uma boa vendedora, a melhor, amanhã estou de volta, pedi à Dora que comprasse pão, deixei-lhe um recado num daqueles papelinhos amarelos que se colam em qualquer sítio, compra pão se faz favor, não devo ter ouvido bem o que a Dora disse à saída do restaurante,

amanhã saio de casa

que disparate parecer-me ter ouvido que a Dora me aban-

donava, deixei-lhe o recado no sítio do costume, amanhã a Dora vai comprar o pão e pô-lo sobre a mesa da cozinha, nunca de costas que dá azar, a Dora sabe que o pão de costas dá azar, sabe tantas coisas a minha Dora, espanta-me que as aprenda com a mesma apatia com que passa os códigos de barras de centenas de produtos no leitor ótico na caixa do hipermercado, a mesma apatia com que posava nua para os estudantes de belas-artes, um corpo magro, quase de criança, visto de todos os ângulos, sem que ninguém tenha descoberto as covinhas que faz quando sorri, a maneira engraçada de fechar as mãos, uma bolinha de dedos, dezenas de desenhos de uma desconhecida, não da minha filha, a mesma apatia que a fez desistir da escola, garantir, nunca aprendi lá nada de jeito, uma apatia que lhe cresce no peito e que extravasa para me atingir no coração, carregado no acelerador, a estrada turva, os gestos amolecidos,

se queres espatifar-te na estrada é contigo

desato a rir-me, por que morrem as minhas gargalhadas contra os vidros, por que me cerca este silêncio, o Ângelo está enganado, mais uma vez

o riso é o melhor que podemos oferecer aos outros

o desgraçado do Ângelo está enganado, um desentendimento com a vida, continuo a rir-me, da Denise, da Betty, da Dora, do Ângelo, dos brindes que tenho para oferecer às clientes, um galheteiro em inox e um paliteiro em porcelana, das ceras para peles sensíveis, para peles negras, para mulheres com tendências para varizes, gargalho, guinchos

que esvoaçam no carro, estou tão cansada, o dia foi longo,
muito longo, e a noite, uma manta preta que me abafa

diz-me um segredo
mantém-me acordada
enquanto esta noite não chega ao fim

em vez de me contar os segredos que guarda, de me salvar,
uma manta que me sufoca, e se voltasse para casa, para o
pão que a Dora vai comprar, os quatro destinos, a encruzi-
lhada, se pudesse escolher, é tarde, abandono-me ao meu
destino, avanço, o vento verga os aloendros plantados a
meio dos dois sentidos, agora no retrovisor pontinhos de
luz da encruzilhada, a chuva de pirilampos à volta dos can-
deeiros de cimento muito altos, outro aviso na berma da
estrada, este amarelo muito forte, um sol no meio da noite,
se conduzir não beba, rio-me, as gargalhadas às voltas no
carro até que encontram o silêncio que as mata, apetece-me
um cigarro, procuro o maço, uma sucessão de gestos lentos,
vagarosos, tenho tempo, levo o cigarro à boca, um afago nos
lábios dormentes, silêncio,

diz-me um segredo

por todo o lado silêncio, passo uma fábrica, um retângulo
iluminado que visto assim de longe é bonito, não tenho
medo do meu coração que adormece em batidas cada vez
mais vagarosas, fecho os olhos por um bocadinho, estou
cansada, daqui a umas horas garanto à Denise que as mi-
nhas ceras não provocam vermelhões, cicatrizes ou erite-
mas, que não encontra no mercado ceras mais eficientes na

destruição da matriz germinadora do pelo, um chorrilho de palavras em que sou a melhor, não há dúvida, sou a melhor vendedora, conheço as ceras indicadas para peles sensíveis, a estrada sempre igual, o tracejado branco numa linha contínua, cada vez mais veloz, estou cansada, fecho os olhos um bocadinho, mais um bocadinho

Dulce Maria Cardoso nasceu em 1964, em Trás-os-Montes. Foi aos seis meses para Luanda, de onde regressou na ponte aérea de 1975, em virtude da descolonização e do início da guerra civil em Angola.

Formou-se em Direito e exerceu advocacia.

Seu primeiro romance, *Campo de sangue* (2001), foi escrito na sequência de uma bolsa de criação literária do Ministério da Cultura português e recebeu o Grande Prêmio Acontece. Desde então publicou, em Portugal, os romances *Os meus sentimentos* (2005), Prêmio da União Europeia para a Literatura, e *O chão dos pardais* (2009), Prêmio Pen Club, e *O retorno*, Livro do Ano 2011 em Portugal e Prêmio Especial da Crítica, para além da antologia de contos *Até nós* (2008).

A sua obra foi editada em uma dezena de países, é estudada em diversas universidades e estão em curso propostas de adaptação cinematográfica de alguns dos seus contos e romances.

No Brasil, a Companhia das Letras publicou *Campo de sangue* em 2005 e a Tinta-da-china Brasil *O retorno* em 2012.

os meus sentimentos

foi composto em caracteres
Hoefler Text e impresso pela
Geográfica Editora, sobre pa-
pel pólen soft de 80 g/m², no
mês de junho de 2012.